

CIDADANIA EM DISPUTA

Paulo de Oliveira dos Santos¹

Resumo:

Este trabalho, organizado para o curso de Política e Organização da Educação Básica, na graduação de Licenciatura em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, tem como objetivo debater o conceito de cidadania a partir da perspectiva de quatro pessoas em situação de rua de Sapucaia do Sul, cidade da região metropolitana de Porto Alegre, no estado do RS. O debate teórico que é organizado na primeira parte do ensaio, trata sobre a cidadania enquanto conjunto de direitos políticos e sociais, ou, como denominamos, a cidadania enquanto direito de ter direitos. Por fim, em uma aproximação com a letra da música “Gente”, de Caetano Veloso, apresentamos e debatemos a compreensão de cidadania por parte dos quatro entrevistados. E, com isso, vem o questionamento: a cidadania está ao alcance dos cidadãos?

Palavras chave: Cidadania. Direito. Política. Sociedade.

Introdução

O presente artigo tem por objetivo debater a compreensão de cidadania a partir da perspectiva de quatro pessoas em situação de rua na cidade de Sapucaia do Sul, que se localiza na região metropolitana de Porto Alegre, capital do Rio Grande do Sul. Tendo em vista a provocação que fora feita durante as aulas do curso de Política e Organização da Educação Básica, na graduação de licenciatura em Ciências Sociais, em que constantemente tem sido debatido questões referentes à democracia e ao processo organizativo da educação no país, este breve ensaio busca dialogar com questões fundamentais para a compreensão do tema da cidadania e seus desdobramentos empíricos nas relações sociais.

Partindo de uma metodologia de escuta, foi feito o seguinte questionamento para quatro pessoas em situação de rua: “para você, o que é ser cidadão?”. No que diz respeito à escolha dos entrevistados, salientamos que se deu de forma aleatória após visita à Praça General Freitas, praça central da cidade, em um domingo à noite.

Sendo assim, este ensaio será distribuído em três partes: na primeira, um breve debate teórico acerca da disputa quanto à compreensão de “cidadania”; na segunda, uma exposição das respostas dos quatro entrevistados em constante diálogo com a música “Gente”, de

¹ Bacharel em Ciências Sociais. Mestrando em Ciência Política pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Graduando em Licenciatura em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Email: santospaulinhosp@gmail.com.

Caetano Veloso; finalmente, na terceira parte, serão realizadas breves considerações finais acerca do tema debatido neste ensaio.

“Cidadania”, uma questão em disputa

Assim como as demais questões sociais, o conceito de “cidadania” também é um conceito aberto e que, por isso, está em constante disputa, seja na academia, seja na sociedade. Sua gênese está relacionada à democracia grega, período em que os cidadãos participavam ativamente das decisões políticas na Ágora. Ou seja, na sua gênese, o conceito de cidadania parece estar intimamente ligado à democracia direta e à participação popular.

A democracia grega na *pólis* está historicamente marcada pelo seu excesso de participação popular (embora não fosse tão popular assim) nos grandes debates e tomadas de decisão. Naquele período, os cidadãos gregos (homens com mais de 21 anos, nascidos em Atenas) tinham direito a propor e a votar as leis em debate na praça pública. Sendo assim, a cidadania compunha um bem de inestimável valor aos gregos, embora excludente, afinal, mulheres, estrangeiros, escravos, não eram considerados cidadãos. Todavia, a concepção de cidadania enquanto direito político já era algo definidor entre os gregos.

De acordo com LIMA, JUNIOR e BRZEZINSKI (2017, p. 2483) a raiz etimológica da palavra cidadania vem “do latim *civitas*, que significa ‘conjunto de direitos atribuídos ao cidadão’ ou ‘cidade’”. Ou seja, o conceito de cidadania começa a ficar mais alargado, pensando no ponto do seu significado enquanto **“conjunto de direitos”** e não mais, apenas, o direito à participação das decisões políticas. Nesse sentido, já em teorias mais modernas, Norberto Bobbio (1998, p. 417), em seu Dicionário de Política, sublinha o fato de que no *Welfare State*, “o direito à educação desempenha historicamente a função de ponte entre os direitos políticos e os direitos sociais: o atingimento de um nível mínimo de escolarização torna-se um direito-dever intimamente ligado ao exercício da cidadania política”.

Por conseguinte, o exercício da cidadania, ou seja, o direito de ter direitos, se constitui enquanto arcabouço fundamental do processo de constituição da cidadania. Ser cidadão, não mais é ter direito somente à participação política, mas também de ter direitos sociais garantidos e resguardados. Outrossim, é nessa esteira que o direito à educação se constitui enquanto direito primordial à cidadania, pois é a partir da educação que se constitui o pensamento crítico de uma sociedade, destarte, da cidadania.

Ora, sendo a cidadania o conjunto de direitos políticos e sociais, ou como denominamos aqui neste ensaio, o direito de ter direitos, podemos evocar Paulo Freire (1995, p. 74) quando diz: “a educação não é a chave para a transformação, mas é indispensável. A educação sozinha não faz, mas sem ela também não é feita a cidadania”. Ou seja, à cidadania pressupõe a garantia efetiva dos direitos políticos e sociais com capacidade de asseverar mudanças sociais por meio da participação social.

Tendo em vista o breve debate teórico que apresentamos aqui, na parte subsequente deste ensaio, apresentaremos o que pensam quatro pessoas em situação de rua quando questionadas a respeito da cidadania.

A cidadania ao alcance do cidadão, será?

Para a compreensão desta parte do ensaio, apresentaremos um simples diário de campo, de forma sucinta, capaz de descrever o ambiente e a forma de abordagem aos entrevistados, conforme segue:

Noite de domingo, 11 de junho de 2023. Fazia muito frio. De longe, era possível avistar, na Praça General Freitas, praça central de Sapucaia do Sul, cerca de vinte pessoas. Ao me aproximar, imediatamente algumas dessas pessoas vieram me perguntar se eu havia trazido a sopa. Respondi de forma negativa e logo eles disseram que nos domingos, no início da noite, algumas pessoas vêm trazer sopa para eles jantarem e, como estava frio, eles não viam à hora da sopa chegar. Disseram que estavam todos na praça, pois a árvore em que eles costumavam ficar embaixo, do outro lado da rua, fora derrubada “a mando do Prefeito”, me disse um deles, e agora estavam todos sem local para se abrigarem.

Fazemos uma pausa no relato para chamar a atenção ao que fora dito pelas pessoas já na nossa chegada à Praça. Inicialmente, o abordado é o pesquisador. O motivo: a janta. Em seguida, a reclamação: foram “desabrigados” pelo Poder Público que derrubou uma árvore cinquentenária, onde essa população costumava ficar às noites. Somente aqui, já vemos dois direitos negligenciados: o direito à habitação e o direito à alimentação (o segundo, servindo de palma à filantropia e à caridade).

Olhando em volta, enquanto conversávamos coisas aleatórias, sobretudo a respeito do trabalho que me levava até eles, procurei identificar aquelas pessoas que se mostravam mais dispostas à conversa a fim de que pudéssemos dialogar sobre a questão em voga neste trabalho. E então, iniciei as abordagens de forma individualizada.

Retomamos aqui a pergunta que fora feita a cada uma das quatro pessoas entrevistadas: para você, o que é ser cidadão?

Primeira entrevistada: homem pardo, 42 anos.

- Diz a tua idade e, pra ti...
 - Minha idade? Aí tu quer me ferrar.
 - Quero te ferrar.
- (risos)
- 42. Primeiro de dezembro de oitenta e dois. O que é ser cidadão é praticar uma tal da empatia que hoje tá todo mundo, todo mundo é muita gente, mas pessoas, muitas pessoas falando da tal da empatia. O que é empatia? É fazer o que eles falam, se colocar no lugar da outra pessoa. Então, como é que eu vou tipo 'ah, o fulano, o sicrano, o beltrano, se não sei qual é...' que nem vou pegar eu por exemplo, porque não é por isso ou por aquilo, por causa que meus pais faleceram e meu irmão vendeu o meu carro, meu, que é meu, e casas que a minha casa era nos fundos do meu coroa... dos meus pais... e tô na justiça com ele por causa do carro e agora tem toda a burocracia. Mas entendeu? São coisas assim. Isso é ser cidadão.

Segunda entrevistada: mulher negra, 40 anos.

- Eu tenho 40 anos. E ser cidadão é ter liberdade.

Terceira entrevistada: mulher branca, 58 anos.

- Ser cidadão é ir na urna. Ser cidadão é ser honesto. Ser cidadão é ter a natureza com a gente, que tá em escassez, tá em extinção, a geração não vai ver nada. O que que é as árvores? Oh gente, eu não sei nem o que dizer, é muito triste a realidade, isso. É isso aí. A gente se entristeceu sim, pela árvore...
- Que tiraram de nós a árvore, né - **(segunda entrevistada)**
- Tão tirando nosso ar que a gente respira, tão tirando tudo. É tudo na base de apartamentos, prédios, então, tá escrito na Bíblia mesmo que ia acontecer isso, já não é de...
- Pode construir apartamento, mas não precisa tirar a árvore - **(segunda entrevista)**
- As árvores é a criação, não pode tirar. Que nem o animal é a essência da vida! A essência da vida, a criança, a árvore, o animal, o respeito, o amor. É a essência!

Quarta entrevistada: 30 anos, mulher transexual em situação de rua, branca.

- Tenho 30 anos e sou uma transexual em situação de rua e a minha situação agora, o que me diz respeito a ser um cidadão é ter direitos e deveres.

As respostas nos dão caminhos importantes acerca da compreensão de cidadania de cada uma das pessoas entrevistadas. Como foi possível verificar, o perfil das pessoas entrevistadas é, de certa forma, parecido em relação à questão geracional. Somente uma pessoa tem 30 anos. Outras duas estão na faixa dos 40 anos e uma desponta com 58 anos. Justamente essa última fala da cidadania de forma alargada, ou seja, a cidadania como um conjunto de direitos a serem garantidos. Na sua resposta ela fala sobre habitação, sobre saúde, mas também sobre direitos subjetivos como o meio ambiente. Se mostra indignada com o avanço das construções em detrimento da natureza (poderíamos pensar em relação ao

capitalismo predatório) e, por conseguinte, demonstra grande preocupação com o futuro e com as gerações futuras: “[...] tá em extinção, a geração não vai ver nada” (terceira entrevistada).

Da compreensão de uma mulher negra, surge a cidadania enquanto símbolo da liberdade. De uma mulher transexual, os direitos condicionados aos deveres. Logo, de forma subjetiva, podemos pensar que a cidadania, para essas duas pessoas entrevistadas, está relacionada intimamente às questões de enfrentamento ao racismo e à transfobia.

Somente para uma pessoa entrevistada, a cidadania diz respeito ao acesso à justiça, mas também do excesso de burocracia a que tudo isso está atrelado: “tô na justiça com ele por causa do carro e agora tem toda a burocracia” (primeira entrevistada). E, aqui, é possível afirmar que a compreensão de cidadania tem relação direta com a vivência do entrevistado.

Caetano Veloso escreveu, na música “Gente”, uma ode à cidadania:

Gente olha pro céu
Gente quer saber o um
Gente é o lugar
De se perguntar o um
Das estrelas se perguntarem se tantas são
Cada estrela se espanta à própria explosão

Gente é muito bom
Gente deve ser o bom
Tem de se cuidar
De se respeitar o bom
Está certo dizer que estrelas estão no olhar
De alguém que o amor te elegeu pra amar

Marina, Bethânia
Dolores, Renata
Leilinha, Suzana, Dedé
Gente viva, brilhando estrelas na noite

Gente quer comer
Gente quer ser feliz
Gente quer respirar ar pelo nariz
Não, meu nego, não traia nunca essa força não
Essa força que mora em seu coração

Gente lavando roupa
Amassando pão
Gente pobre arrancando
A vida com a mão
No coração da mata
Gente quer prosseguir
Quer durar, quer crescer
Gente quer luzir

Rodrigo, Roberto, Caetano
Moreno, Francisco
Gilberto, João
Gente é pra brilhar
Não pra morrer de fome
Gente deste planeta do céu de anil
Gente, não entendo
Gente, nada nos viu
Gente espelho de estrelas
Reflexo do esplendor
Se as estrelas são tantas
Só mesmo o amor

Maurício, Lucila, Gildásio
Ivonete, Agripino
Gracinha, Zezé
Gente espelho da vida
Doce mistério
Gente espelho da vida
Doce mistério
Gente espelho da vida
Doce mistério

Vida, doce mistério
Vida, doce mistério
Vida, doce mistério

O que as pessoas em situação de rua que foram entrevistadas para este ensaio anseiam enquanto cidadania é o direito à vida e, por conta disso, tudo a que a ela diz respeito. Ou seja, “gente quer comer, gente quer ser feliz”. E, mesmo que gente pobre arranque a vida com a mão, a vida se faz querendo crescer, querendo luzir.

Considerações finais

O presente ensaio teve o objetivo de debater, ainda que brevemente, o conceito de cidadania, sobretudo sob a perspectiva de quatro pessoas em situação de rua.

Foi possível verificar que o conceito de cidadania está intimamente ligado à perspectiva da democracia e em relação à afirmação do conjunto dos direitos políticos e sociais. Ou seja, o pleno exercício da cidadania está diretamente ligado ao que chamamos de direito de ter direitos.

Neste ensaio, ouvindo vozes que, por vezes, são emudecidas, conseguimos ouvir anseios de liberdade, de justiça, de respeito ao meio ambiente e de afirmação. Foi possível

verificar as indignações diárias em relação aos direitos negligenciados, tanto por falta de alimento, quanto pela derrubada de uma árvore que servia de abrigo para mais de 20 pessoas em situação de rua. Ou seja, a negativa de direitos sucedendo mais negativas de direitos. A vida se fazendo diante das suas complexas negações aos mais pobres, discriminados e invisibilizados.

Por fim, como que retornando ao início do Diário de Campo, é possível gritar “gente é pra brilhar, não pra morrer de fome”.

Referências

BOBBIO, Norberto et al. **Dicionário de Política**. vol. 1. Brasília: Editora Universidade de Brasília, v. 674, 1998.

FREIRE, Paulo. In: **Fórum de Participação Popular das Administrações Municipais: Poder local, participação popular e construção da cidadania**. s/l., 1995.

LIMA, M. E.; MENEZES JUNIOR, A. S.; BRZEZINSKI, I. **Cidadania: sentidos e significados**. In: CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO, 13, 2017, Curitiba. Anais eletrônicos... Curitiba: EDUCERE, 2017. p. 2481-2494. Disponível em:

https://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2017/24065_12317.pdf Acesso em: 5 jul. 2019.

VELOSO, Caetano. **Gente**. Rio de Janeiro : Philips. 1977.

